

## **O jornal “O Estado” de Santa Catarina e as brincadeiras impressas (1972 – 1979)**

Luciana Mara Espíndola Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Com o intuito de pensar a brincadeira e quais os modos com que essa atividade era representada em suportes como jornal, suplementos de jornal e livros, este estudo pretende dar visibilidade a esses materiais e sua expressividade como receptores e divulgadores de uma cultura infantil. Quais brincadeiras eram incentivadas? Que brinquedos eram utilizados? Em quais espaços e tempo ocorriam? Que interações eram permitidas? São algumas questões que movimentam esse trabalho, cuja empiria é formada pelo suplemento infantil veiculado no jornal "O Estado" – chamado “O Estadinho” – e matérias e propagandas infantis também veiculadas nesse mesmo jornal. As brincadeiras serão categorizadas nas suas especificidades, em relação ao gênero, faixa etária, espaço para realização e organização. Tal categorização em cotejo com os conceitos de representação e circulação de Roger Chartier, bem como as noções de brinquedo, brincadeira e cultura lúdica de Gilles Brougère e Tizuko Morchida Kishimoto nos darão subsídios para compreender a brincadeira no espaço do impresso, não simplesmente como atividade peculiar ao universo infantil, mas como atividade que se pretende formadora daqueles que brincam.

**Palavras-chave:** Brincadeira. Brinquedos. Impresso.

Circulou durante aproximadamente quinze anos, em Santa Catarina, um suplemento infantil de nome “O Estadinho”, que fazia parte de um dos mais antigos jornais catarinenses, “O Estado”. O jornal, que na década de 1970 alcançou as mais distantes regiões do estado, passava também por processos de modernização, sobretudo, em sua maquinaria, logo notada por seus leitores. É nessa fase, considerada por Moacir Pereira (1992) como a fase “áurea” do jornal, que nasce um material para crianças, acompanhando em certa medida o que grandes jornais de circulação nacional, como a Folha de São Paulo (1963); a Gazeta de São Paulo (1929); a Gazeta de Vitória (1964), já faziam. Assim sendo, a partir do 21/05/1972, o suplemento infantil ganhou as bancas e as mãos dos leitores.

Problematizar o brinquedo que ganha espaço num jornal para as crianças é estabelecer relações com práticas ocorridas em outro tempo, mas que nos fornecem elementos para compreender como foram sendo construídas certas sensibilidades em torno da criança. Sensibilidades que certamente contribuíram para por em cena a criança, tanto nas políticas públicas, com a expansão de espaços educativos destinados a elas, como também em práticas,

---

<sup>1</sup> Graduação em Educação Física com mestrado em Educação Física Escolar. Aluna regular do Programa de Pós-Graduação Doutorado em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup>. Maria Teresa Santos Cunha. Bolsista FAPESC. Contato: luciana\_espin@hotmail.com

como, por exemplo, a criação de um jornal pensado e voltado para crianças. “O Estadinho” caracteriza-se em certa medida como um artefato que representa essa centralidade na criança, mas também como um documento que apresenta indícios sobre como essa emergência em relação a preocupações sobre a criança são construídas.

A brincadeira que timidamente aparece no jornal, nos deixa ver também pelo seu silêncio, que a criança brincante o faz com elementos do próprio jornal, seja quando de posse do material cria situações imagéticas de imitação de adulto, ou no momento em que se sente desafiada a cumprir as tarefas impressas na seção divertimentos, ou mesmo quando cria desenhos para o suplemento.

O jornal, seja como brinquedo, caracterizado por Brougère (2010), como um artefato no qual a criança pode manipular livremente sem necessariamente estar condicionada a regras e normas de utilização; ou como suporte para brincadeira, envolvendo situações imaginárias que podem muitas vezes alterar o próprio significado dos objetos (enrolando o jornal, ele se transforma em uma espada; amassando-o, ele vira uma bola...), nos permite inventariar mil possibilidades sobre as relações que as crianças estabeleciam com esse material impresso (Kishimoto, 2001). Relações que envolviam a brincadeira, tanto por seu conteúdo como pelas possibilidades de, por meio do impresso no ato desenhar, deixar pistas sobre seu próprio brincar.

Enlaçados a esse material específico para crianças, as reportagens e os informes publicitários que circularam também nos permitiram traçar uma história sobre as brincadeiras impressa e que pelas páginas de “O Estado” ganhavam visibilidade.

### **Divertimentos: brincadeira para crianças letradas**

O suplemento infantil na qual voltamos nossos olhares se faz bastante visual, abundante no número de histórias em quadrinhos e que, ao longo da década de 1970, deixa-se reconhecer também pelo número de fotografias de crianças que expõe. Apresentando-se inicialmente (primeiro ano) com ênfase na leitura, “O Estadinho” compunha-se de: capa, histórias em quadrinhos, divertimentos, historinhas, material publicitário, matérias diversas<sup>2</sup>, programinha, e concursos infantis. Tal material exigia certa familiaridade com o mundo letrado.

---

<sup>2</sup>Chamamos de “Matérias diversas” reportagens, textos e escritos não produzidos pelas crianças e não enquadrados nas sete seções listadas.

Dos 39 suplementos analisados entre os anos de 1972 a 1979, foi possível identificar três situações relacionadas à brincadeira. Embora saibamos que as possibilidades para essa atividade sejam inúmeras, no presente estudo<sup>3</sup> focamos as brincadeiras representadas nos desenhos elaborados pelas crianças leitoras de “O Estadinho”, no concurso de pandorgas e na seção divertimentos.

A seção divertimentos considerada pelos editores do jornal infantil como um elemento do brincar, tanto pelo título que levava “divertimentos”, quanto pelo modo como caracterizava as revistinhas que propagandeava “Revistinhas para você ler e brincar” (O Estadinho, 4/11/79), nos instiga a pensar sobre as relações do brincar e da leitura, tomados a partir do *slogan*, como coisas diferentes. Provável era, que os próprios editores do suplemento seguissem também uma certa padronização do que se produzia em relação aos impressos para crianças, e, sendo assim, a seção divertimentos, passava a representar a ideia de brincadeira, de ludicidade. Como faziam as revistinhas que foram propagandeadas, mesclando quadrinhos e passatempos<sup>4</sup>.

Em “O Estadinho”, os divertimentos estiveram presentes em quase 90% dos jornais. Indicando que havia certa preocupação em para além das habilidades relacionadas à leitura, permitir que as crianças interagissem com o jornal de forma mais lúdica e desafiadora. Ocupando quase sempre uma página, suas atividades envolviam habilidade motora fina e óculo-manual, exigindo familiaridade com lápis, uma vez que era preciso quase sempre marcar, ligar, seguir com traços ou completar com letras o que era pedido. Jogo dos sete erros, palavra-cruzada (cruzadinha) e labirinto eram os exercícios mais comuns e que de certa forma poderiam expressar uma dada preocupação com a aquisição ou reforço de habilidades necessárias, sobretudo, para o domínio da escrita. Para esses exercícios, supunha-se certa familiarização com a leitura, uma vez que para além de compreender dos enunciados (alguns poderiam ser deduzidos pelos desenhos), era preciso completar enigmas e adivinhações de certos jogos, como as cruzadinhas e complete o nome.

A utilização de passatempos ou divertimentos com fins à aquisição de habilidades de escrita e leitura foram bastante usuais no período em que o jornal circulou. Outros

---

<sup>3</sup>Como já dissemos, o próprio material impresso pode ser tomado como brincadeira, assim como os quadrinhos também podem ser representativos de atividades que envolvem o brincar, entretanto, nosso olhar se aplica ao estudo das brincadeiras no suplemento, tendo como categoria de análise, as brincadeiras nos desenhos infantis, a pandorga e a seção divertimentos.

<sup>4</sup>Também chamado de divertimentos, como no suplemento “O Estadinho”.

suplementos infantis e revistinhas vendidas em livrarias e bancas de revista comercializavam material semelhante, em que era possível “aprender brincando”. Assim como temos hoje, mas em outro suporte, os passatempos ou divertimentos, apresentam-se na tela do computador, do *tablet*, dos *smartphones*, ocupando muitas crianças que de clique em clique montam palavras-cruzada, percorrem labirintos e formam desenhos movimentando em vez do lápis, o cursor. Animados, coloridos e cheios de efeitos, porém em outras mídias, os divertimentos parecem ainda fazer jus ao antigo *slogan* “aprender brincando”, dividindo espaço com materiais impressos, seja em forma de revista, cartilha ou mesmo em folhas avulsas elaboradas por professores. (Sacramento, 2013).

### **Desenhos e brincadeiras, impressões no impresso por meios de concursos infantis**

Os concursos providos pelo jornal, apresentam-se como valiosos materiais para ajudar na compreensão de como a brincadeira era reconhecida, e as sensibilidades que envolviam seus praticantes. Nisso o concurso de pandorgas traz elementos que nos convocam a pensar sobre gênero e a relação do brinquedo com as próprias características climáticas da cidade de Florianópolis. Embora sejam poucas as edições do suplemento que tematizem o concurso, as chamadas nos permite pensar que havia para certos brinquedos e brincadeiras divisões bastante marcadas.

A pandorga, artefato feito com varas finas de bambu, linha, cola, tesoura e papel de seda, foi e é objeto de estudo de pesquisas. Em Santa Catarina, Telma Piacentini (2010), ao estudar as brincadeiras representadas nas esculturas e desenhos de Franklin Cascaes, relacionou-as a atividades de trabalho, sendo até mesmo utilizadas como sinalizadores em situações de combate. Antes de tornar-se um brinquedo, a pandorga era utilizada em atividades de pesca, bastante comum no litoral do estado catarinense e que depois é incorporada à infância como um brinquedo. (Piacentini, 2010). Indícios de uma popularização que pode ter ocorrido em decorrência de uma prática usual, a pesca. Assim, faz sentido associarmos a essa prática as próprias condições climáticas, sobretudo na cidade de Florianópolis, onde o vento (que é elemento fundamental na brincadeira da pandorga) se faz presente, sobretudo, nos meses de inverno. E é em agosto que “O Estadinho” promove um concurso de pandorgas, no mês do frio e vento sul, como constata Piacentini (2010, p. 41): “Na Ilha de Santa Catarina, as pandorgas mapeiam os céus nos dias de ventos fortes, especialmente no mês de agosto”. Concurso em que a brincadeira toma outro lugar, um contexto de competição que ganha regras preestabelecidas e que passa a ser julgada, situando-

se na fronteira entre o lúdico e a competição, entre a fruição estética e objetividade. Contudo, não se pode afirmar que o suplemento não reconhecia a pandorga como brincadeira, o que podemos verificar é que tal brinquedo parece não ter idade, pois o concurso permite inscrições de crianças, "marmanjos" e "papais", ficando nos textos, omitido o gênero feminino, dando a ideia de que pandorga é brincadeira de menino. Brincadeira de rua, de liberdade, não cabendo às meninas.

Entretanto, tal brincadeira nos permite pensar em formas de fazer e brincar, passados de geração para geração e incentivados pelo jornal, que abre espaço a participação de "papais", desse modo, a pandorga pode ser classificada como uma "brincadeira tradicional", filiada ao folclore, que expressa-se, sobretudo, pela oralidade e são "[...] transmitidas de geração em geração através de conhecimentos empíricos e permanecem na memória infantil." (KISHIMOTO, 2001, p. 38). Essas brincadeiras, como também o pião, a bolinha de gude, a amarelinha, as cantigas de roda, são em boa medida passadas de adultos a crianças por meio da oralidade, e envolvem distinções que não apenas se restringem aos usos do objeto e formas de usá-lo, mas também a questões de gênero. Há brinquedos para meninos e outros para meninas.

A elas o espaço do lar, da casa, como as brincadeiras com bonecas, de ordem simbólica, representando atividades de maternagem, fato evidenciado pelos anúncios publicitários das lojas à época. Para meninas: bonecas. Mas esse "engessamento" na relação gênero e brincadeira, parece não tangenciar a idade, ao menos no que refere-se à brincadeira de pandorga. A brincadeira de menino é também de gente grande, contanto que seja homem. Resquícios de uma época que ainda pautam nossas ações e discussões e os meios de comunicação, evidente, não escapam a essa lógica, como podemos ver nesse trecho de um jornal catarinense, do século XIX.

#### **Pandorgas – 17.09.1879**

Em certas épocas do anno desenvolve-se entre os meninos o desejo ou costume de certos e diversos brinquedos. Actualmente reinão as *pandorgas*.

Todas as crianças, desde a mais tenra idade até *alguns já com barba*, empregão as horas vagas, que parece serem muitas, em empinarem sua *pandorga*.

Á primeira vista parece um brinquedo inocente; pois não o é. (NOSSA SENHORA DO DESTERRO, 1879, apud GERLACH, 2010, p. 387).

Os concursos de desenho, registrados em nosso material empírico, tratam do ano de 1972. Com o objetivo de incentivar as livres manifestações das crianças, o jornal infantil

promoveu o Festival da criança<sup>5</sup>, que culminou em uma grande exposição dos desenhos enviados à redação, entretanto, alguns desenhos também ganharam as páginas do suplemento. No material analisado, os desenhos infantis começam a aparecer na edição de número 7 (mas é possível que o número anterior já trouxesse em suas páginas, as produções das crianças), sendo publicados continuamente até o dia do Festival (13/08/72, ed. 13).

Tomando os desenhos como uma oportunidade de brincadeira, é possível inferir que os desenhistas mirins de modo geral retratavam situações oriundas de histórias infantis ou desenhos midiáticos, também retratos ou autorretratos, e situações de brincadeira, dentro de uma atividade que por vezes a criança realiza como sendo a própria brincadeira. Tomar os desenhos como brincadeira é admitir, segundo Brougère (2010), que sua construção foi de livre iniciativa, ou seja, não houve coerção ou imposição de um adulto, também que o ato de desenhar foi aprendido, e que sua duração não está pautada numa suposta finalização, mas sim no desejo de continuar ou não a desenhar. Nesse contexto sobre a brincadeira, o pesquisador admite: “[...] estamos longe de nos situar num campo de certezas” (BROUGÈRE, 2010, p. 95). Assim sendo, Oliveira 2002 reafirma as ideias de Brougère dizendo que: “O brincar por ser uma situação onde predomina o prazer sobre a tensão, favorece o relaxamento e conseqüentemente a emergência de novas ideias, a criatividade que combina conteúdos e dinâmicas conscientes e inconscientes.” (p. 22).

Foi possível identificar no período estudado 40 desenhos, assinados por 19 meninas e 21 meninos, com idades entre 3 a 13 anos, participantes do Festival da criança. Os desenhos publicados demonstravam que as crianças tinham boa familiaridade com o lápis e o papel, ocupando todo o espaço da folha e a marcando com traços bem definidos e riqueza de detalhes. Personagens infantis como Mickey Mouse, Ursinho Poof, Pantera cor de rosa, Cebolinha e palhaços são indícios de uma presença televisiva, funcionando em certa medida como ferramenta de entretenimento às crianças. A década de 1970 também se configura pela popularização da televisão, que passa a ganhar os lares catarinenses, embora sua existência no país tenha sido em meados dos anos 1950. Um dos desenhos publicados no suplemento mostra uma televisão ligada em um programa infantil. Mais que uma demonstração de que o brincar passa a dividir o espaço da rua, do quintal ou mesmo do quarto infantil, chegando a

---

<sup>5</sup>O Festival da criança foi um evento promovido pelo jornal “O Estadinho”, ocorrido na Praça Getúlio Vargas, em Florianópolis, no dia 13 de agosto de 1972, que além da distribuição de lanches e prêmios, expôs todos os trabalhos enviados à redação que tinham como intuito participar do concurso.

sala de estar, ambiente até então adulto. Tal desenho refrata a representação de uma certa realidade, ou melhor, de um olhar sobre o tempo, sobre o vivido, cujas impressões são subjetivas. Dessa maneira, Chartier (2010), sobre a noção de representação, diz: “[...]as representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é.” (p. 51-52). A televisão passa a ser retratada nos desenhos, indícios de que um outro suporte ao brincar estava presente nas infâncias da década de 1970.

Como um artigo de luxo e representante de certa “distinção” (BOURDIEU, 2011), a televisão ocupava nos lares um espaço de destaque, geralmente na sala, ambiente adulto. Deixar a criança assistir televisão era também permitir que ela ocupasse um espaço destinado ao adulto, mostrando como essa nova configuração nos espaços, de alguma maneira inaugurada com os aparelhos de tv, vão ajudando na construção das sensibilidades e de um olhar mais atento em relação à criança e à infância.

Espaçonaves, foguetes e aviões também foram retratados, um imaginário que permeava a vida de meninos e meninas, que supostamente fantasiavam situações de faz de conta envolvendo esses temas. Sobre as brincadeiras simbólicas, representadas no papel, Arce e Baldan (2013) afirmam que na brincadeira de faz de conta as crianças fazem coisas que não são típicas de sua idade, entretanto, atuar na fantasia permite a elas uma interação com as coisas que estão a sua volta, ou seja, uma tentativa de compreensão do real. O que também significa dizer que, nesse contexto, ela “[...] experimenta comportamentos novos para ela, criatividade relativa e não absoluta, mas essencial para a descoberta de suas competências.” (BROUGÈRE, 2010, p. 108). A brincadeira simbólica, de faz de conta, opera como uma (re)apresentação daquilo que permeia a vida da criança, tanto na esfera do imaginário, quanto aquilo que ela vivencia em situações do seu cotidiano. Assim, as noções de representação de Chartier (2010) e Brougère (2010) parecem se assemelhar, pois se para o primeiro autor a representação é também uma nova apresentação do que aconteceu em outro tempo, ou seja, apresentar no presente, situações ocorridas no passado, para Brougère, muitos brinquedos despertam uma representação, que não necessariamente esta ancorada ao objeto, mas que a manipulação desse artefato leva a representações de ações legitimadas e construídas com base nas referências sociais de um dado tempo e espaço. No brincar, a noção de representação apresentada por ambos autores se aplica visivelmente, e pode-se constatar tal afirmação, em exemplo citado por Brougère (2010):

Com seu valor expressivo, o brinquedo estimula a brincadeira ao abrir possibilidades de ações coerentes com a representação: pelo fato de representar um bebê, uma boneca-bebê desperta atos de carinho, de troca de roupa, de dar banho e o conjunto de atos ligados à maternagem. Porém, não existe no brinquedo uma função de maternagem; há uma representação que convidada a essa atividade num fundo de significação (bebê) dada ao objeto num meio social de referência. (BROUGÈRE, 2010, p. 15-16).

Podemos acreditar que ao publicar os desenhos das crianças o suplemento permitia que novas situações de brincadeira simbólicas fossem elaboradas, a partir dos desenhos impressos, por seus leitores mirins, tendo o próprio desenho um elemento promotor de brincadeira.

Desenhos que representam situações de brincadeira foram também publicados. Três deles chamam a atenção: os desenhos de Roberta Pereira, Sandra Mara Rosa e André Luiz Schlindwien. André, em seu desenho, parece retratar uma brincadeira com arco (bambolê). Há a presença de quatro pessoas envolvidas na situação de brincadeira. Na cena, pessoas e o objeto, nada de outros elementos como árvores, casas, sol. A brincadeira parece bastar para o desenho. Sandra apresenta no papel um menino e um boi, que pode representar a brincadeira do boi de mamão, bastante comum na região litorânea do estado, sobretudo, na grande Florianópolis nos meses de Junho e Julho, onde se realizam as Festas Juninas e Julhinas, que comumente promovem essa brincadeira. O desenho publicado no início de agosto pode, dentre outros fatores, sugerir a popularidade da brincadeira entre as crianças catarinenses.

O desenho de Roberta, é talvez o que mais identifique momentos relativo a brincadeiras. Embora não seja possível afirmar que o cenário seja escolar, familiar ou festivo, há claramente objetos que remontam o brincar. Os brinquedos de parque como: balanços e gira-gira estão presentes e supõe-se em plena atividade, pois nele encontram-se pessoas brincando. Há também uma piscina, um trampolim e 11 crianças em roda, de mãos dadas, realizando possivelmente uma cantiga de roda ou brinquedos cantados. Com riqueza de detalhes, Roberta desenha uma situação que tanto poderia ter vivido, ou que desejaria viver, representando no papel uma infância movimentada pelas opções de brinquedos e pelos parceiros para brincar. Os três desenhos trazem em comum uma ideia de que a brincadeira é algo que necessita do outro, seja ele um boi, três crianças ou uma dúzia de pares. Tempos em que o brincar representava a rua, o espaço aberto, e que o tempo e as novas configurações de cidade e sociedade não tardaram em alterar. Diferente dos desenhos que contemplam as brincadeiras simbólicas, que não necessariamente necessitam da presença física do outro ou outros, no caso dos desenhos de Roberta, Sandra e André, o outro é fundamental. Assim



sendo, o jornal, para além de divulgar e permitir que seus leitores brinquem com as brincadeiras expressas por outras crianças, nos deixa ver que brincadeiras permeavam aquele universo infantil, bem como que elementos passam a compor o campo da imaginação infantil e por quais ferramentas, fazendo suscitar outras problematizações no campo da cultura impressa e infância.

Fator que merece ser analisado e é componente quase que indispensável nos jornais é a publicidade, e aqui voltamos nossa atenção aos brinquedos que ganhavam as páginas do impresso, em apelos comerciais.

### **Brinquedos para comprar**

Se o apelo comercial induz por meio de um produto um certo tipo de uso, não podemos aceitar que seu consumo seja feito tal qual induz a propaganda e o próprio objeto em si. Dessa forma, corroboramos com Certeau (1996), afirmando que não há passividade nas relações entre produto e consumo, e que o indivíduo pela criatividade, inventividade, e usando suas táticas consegue subverter aquilo que lhe é imposto. Ao analisarmos alguns anúncios de jornal que circularam na década de 1970 no jornal “O Estado”, e que tinham por interesse vender brinquedos, permitimos que sejam feitas relações acerca do brincar e as representações de brincadeira que se tinha à época, mas relações que não estão no âmbito da passividade, ou da influência, mas sim na tensão, na problematização e nas transgressões.

Sendo assim, é possível dar outros usos aos brinquedos (por mais que nele venha determinado todo um protocolo de uso), em Certeau (1996) aplicamos aos brinquedos o que o teórico propõe sobre a leitura, nos dizendo, com referência em Michel Charles (1977) que:

[...] toda leitura modifica seu objeto”, que (já dizia Borges) “uma literatura difere de outra menos pelo texto que pela maneira como é lida”, e que enfim um sistema de signos verbais ou icônicos é uma reserva de formas que esperam do leitor o seu sentido. Se portanto “o livro é um efeito (uma construção) do leitor”, deve-se considerar a operação deste último como uma espécie de *lectio*, produção própria do leitor”. Este não toma nem o lugar do autor nem um lugar de autor. Inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a “intenção” deles.” (CERTEAU, 1996, p. 264-265).

Dessa forma, assim como o leitor produz seus sentidos acerca do que lê, a criança também com o brinquedo o faz, vai utilizá-lo produzindo seus sentidos que não se restringem à utilização tal qual é prescrito pelo fabricante e pode ser marcada no ato de brincar, por suas experiências com outros brinquedos, por representações do imaginário e mesmo por imitação. Em um tempo em que a televisão começava a se popularizar, era o impresso, sobretudo o jornal, um dos aparelhos publicitários mais importantes, ao lado das revistas. Ao

acompanharmos as propagandas impressas no jornal “O Estado”, procuramos compreender que fatores interferiam na publicidade de uns brinquedos e não outros, bem como o que poderíamos nós, inferir a respeito das supostas “prescrições” dos brinquedos, sobretudo, ao pensarmos em questões de gênero, idade e organização, tendo em mente que o prescrito nem sempre é o praticado.

Foram selecionados oito encartes publicitários, anunciados entre 1972 e 1979, dos quais três são das lojas Hermes Macedo, três das lojas Pereira Oliveira, dois da livraria e papelaria Zanetti. Faz-se necessário contextualizar a frequência e período em que as propagandas circulavam. Recuando um pouco no tempo, foi possível perceber que é justamente na década de 1970 que as propagandas de brinquedo tornam-se mais frequentes. O que nos faz inferir sobre alguns fatores que possam ter contribuído para esse aumento. O primeiro, ligado ao próprio processo de modernização que sofria o jornal, que se torna visualmente mais atrativo e também tem suas tiragens aumentadas, traz indícios de um processo de circulação em expansão. (Budde, 2013). Circulação, que tem como propósito fazer com que o material escrito possa atingir as pessoas em diferentes tempos e espaços, ou seja, “[...] que permite a constituição de um público sem que as pessoas estejam necessariamente no mesmo lugar, em mútua proximidade.” (CHARTIER, 2001, p. 64). Entretanto, tal conceito, está imbuído à própria relação que o artefato analisado possui com o meio no qual é dado a circular. Isso significa que a noção de circulação para livros, revistas, jornais, ou outros materiais estão de certa forma “condicionadas” a ordens diferentes. Se tomarmos os livros e os jornais, por exemplo, podemos inferir que ambos possuem modos distintos de circulação, embora o conceito seja aplicado aos dois objetos. A circulação do jornal, que é um artefato diário, tem duração menor, ou seja, a edição dura um dia e passado esse tempo o material perde o valor, deixa de circular. Tal fato não ocorre com o livro, que tem, fazendo uma simples comparação, um tempo de vida maior que lhe permite circular muitas vezes por anos. Contudo, inversamente proporcional, podemos dizer, de modo mais abrangente é o jornal em relação a sua circulação imediata (pois ele é feito para durar um dia), ou num curto espaço de tempo, que permite uma abrangência tanto no que se refere a sua produção (em grande escala), bem como sua comercialização (preço, locais de venda, etc.).

Como segundo fator, podemos pensar na expansão da indústria do brinquedo, sobretudo a empresa estrela, que entra na década de 1970 com brinquedos elétricos, e a boneca estilo *fashion doll*, além das bonecas mecânicas e bonecos vinculados a personagens da televisão e literatura, como os do Sítio do Pica-pau Amarelo e Turma da Mônica. Por

último, cremos na formação de uma sensibilidade para a infância, culminando no estabelecimento do ano de 1979, como o ano internacional da criança, mas que durante toda a década de 1970 apresenta-se por diversas formas, como na criação de creches públicas municipais e até mesmo na materialização de um jornal para crianças. Contudo, os eventos publicitários de brinquedos ocorriam em dois momentos bastante específicos, quais sejam: as semanas que antecedem o dia das crianças (12 de outubro) e o natal, sendo possível constatar que no natal o investimento em propagandas era ainda maior, se comparado ao dia das crianças. Também no período natalino encontramos materiais publicitários dedicados só às crianças e outros encartes onde era possível ver também a comercialização/propaganda de artigos para público adultos.

Os estabelecimentos, que anunciavam seus produtos infantis, embora no período estudado estivessem em plena atuação, fecharam as portas um a um, não restando hoje, um único representante daquela época. A livraria e papelaria Zanetti, hoje funciona como gráfica, mas há tempos já não mais comercializa brinquedos nem artigos de papelaria. A atuação nos ramos de papelaria e brinquedo era bastante comum até o início dos anos 2000, porém com a ascensão de lojas especializadas em brinquedos e também no comércio de livros e papéis muitas vezes com apoio de redes internacionais, acabou-se por desbancar as empresas familiares.

As campanhas publicitárias da loja Zanetti, eram veiculadas nas semanas que antecediam o dia das crianças e o natal, anunciavam jogos e brinquedos, sempre com fotos, preços e condições de pagamento. Não eram veiculados no encarte, livros infantis, o que nos faz inferir sobre a situação de leitura no país e uma possível falta de sensibilidade para a leitura. O hábito de dar livros de presente às crianças parecia não ter espaço, contrariando a ideia de que o livro pode ser um brinquedo. O livro infantil, com suas ilustrações, leva a criança a imaginar cenários, imersa no faz de conta, sendo ela mesma, a criança, o personagem da história, tal qual elaborou Walter Benjamin (2007) ao tratar das relações travadas entre crianças e livros infantis.

Fantasiada com todas as cores que capta lendo e contemplando, a criança se vê em meio a uma mascarada e participa dela. Lendo – pois se encontram as palavras apropriadas a esse baile de máscaras, palavras que revolveiam confusamente no meio da brincadeira como sonoros flocos de neve. (BENJAMIN, 2007, p. 70).

Os brinquedos anunciados por aquela livraria e papelaria seguiam um dado padrão que refratava o crescimento de uma indústria especializada para esse artefato. Brinquedos para

meninas: bonecas; brinquedos para meninos: xilofone em forma de trem – que na imagem é tocado por um menino. Dessa forma, as outras lojas que anunciavam brinquedos destacavam por meio de fotos com crianças, associações que padronizavam, ou vinculavam ao brinquedo, uma relação de gênero. Assim faziam as Lojas Hermes Macedo – HM -, e também a LPO (Lojas Pereira Oliveira), ambas com grande expressividade no estado catarinense, sobretudo, na capital. Com ramos bastante parecidos, ambas comercializavam móveis, eletrodomésticos, bazar e brinquedos. Grandes lojas que não resistiram à forte concorrência de estabelecimentos semelhantes, ou mesmo às lojas de departamentos que não mais tinham estrutura familiar, mas sim um sistema organizacional mais especializado.

Se fazendo presentes nas datas comemorativas ao dia da criança e natal, a HM apresentava uma seção específica para criança, anunciada como “Brinquedorama”, seus anúncios traziam fotos de brinquedos, preços e condições de pagamento. A loja anunciava também sorteios de brindes aos clientes no encarte que apresentava aproximadamente dez brinquedos. De modo bastante similar, a LPO fazia seus anúncios, entretanto não veiculava sorteios, e em algumas mercadorias havia apenas a descrição, sem menção ao valor.

As bonecas presentes em todos os anúncios estudados (Zanetti, HM e LPO) traziam a marca Estrela, legitimando uma grife, um certo destaque aos brinquedos desta marca. Associadas a funções de maternagem, representadas nos desenhos, nos nomes das bonecas e em suas funcionalidades, como no anúncio do dia 12/12/76 das lojas HM, “Ação a corda para ouvir uma canção de ninar e ela adormece seu bebe”, as bonecas ou simbolizavam uma mulher mãe, ou representavam bebês. Tal fato nos permite pensar neste, como sendo um brinquedo pensado quase que exclusivamente para meninas.

Bonecas brancas, com rosto angelical, cabelo lisos, com olhos grandes e boca pequena refretavam um ideal de mulher. Mulher clara, meiga, dadas muito mais a observar, do que a falar, representações a ser incorporadas no imaginário infantil. Para meninos, a associação a determinados artefatos para brincar também se faz visível, em todos os encartes o desenho de um menino aparece associado a motos, triciclos e carrinhos. Determinando bem a que universo pertence cada criança. Não foram veiculados por essa loja, no material observado, jogos ou brinquedos de uso coletivo, entretanto, os brinquedos a pilha, sonoros e que realizam determinados movimentos “sozinhos” tornam-se aparentes, sobretudo no final dos anos de 1970. As bonecas a pilha, que realizam determinados movimentos ao comando de um dedo, chegavam a custar o dobro do valor de uma equivalente sem essa “função” automática. Brinquedos que de modo geral não exigiam grandes espaços (exceto os triciclos) e que a

criança poderia manipular sozinha sem o outro eram destaques nos encartes, o que nos leva a perceber nuances de uma sensibilidade em formação sobre dois aspectos. O primeiro, em relação ao lugar de brincar, a brincadeira em casa – talvez pelo já escasso espaço da rua – aos olhos dos adultos; segundo aspecto, um certo individualismo em relação aos brinquedos anunciados, uma vez que os jogos não apareceram como produto a mostrar, fator que em certa medida pode ser refratário de uma diminuição no número de filhos, sobretudo, nas camadas com melhores condições de renda.

Se os anúncios propagandeavam brinquedos de grife, bonecas que quando acionadas faziam gestos, e carrinhos a pilha que faziam barulho e movimentavam-se sozinhos, não podemos dizer que o jornal estivesse alheio a outras infâncias, sobretudo, àquelas cuja realidade não permitia a aquisição de brinquedos caros e tidos como “lançamentos”. Nas vésperas do Natal, o jornal do ano de 1978 publica uma matéria com o título “Sucata: o grande brinquedo”, incentivando aos pais a construção de uma caixa de “tesouros”. Com referência na personagem Emília, de Monteiro Lobato, a matéria corrobora com a ideia de que mil quinquilharias podem divertir a criança sem gerar no adulto gastos adicionais. Sinais de um reconhecimento à existência de várias infâncias ou um olhar mais apurado para a criança na sua condição de brincante, capaz de por horas e horas estabelece as mais contraditórias e belas relações com simples objetos. Walter Benjamin, no início do século XX, já dizia:

Se, além disso, fizermos uma reflexão sobre a criança que brinca, podemos então falar de uma relação antinômica. De um lado, o fato apresenta-se da seguinte forma: nada é mais adequado à criança do que irmanar em suas construções os materiais mais heterogêneos – pedras, plastilina, madeira, papel. Por outro lado, ninguém é mais casto em relação aos materiais do que crianças: um simples pedacinho de madeira, ou pinha ou uma pedrinha reúnem na solidez, no monolitismo de sua matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras. (BENJAMIN, 2010, p. 92).

### **Vestígios, pistas e indícios: à guisa de conclusão**

Estudar as brincadeiras por meio do impresso, e mais especificamente em um jornal de circulação estadual, nos permitiu, de largada, reconhecer as infinitas possibilidades não só de pesquisa sobre ambos os elementos (jornal e brincadeiras), mas, sobretudo, as possibilidades de vê-los em relação com outros fatores, ou seja, “em situação” (Ramos, 2011).

Se hoje os jornais impresso dividem espaço com outras mídias, não podemos pensar que essa convivência sempre existira. Houve um tempo em que o jornal, foi o grande veículo de informação de nossa sociedade. Assim, o brinquedo e as brincadeiras, se antes voltavam-se a representações de maternagem e a situações que envolviam o outro para lhe ensinar a

manipular certos objetos, como o caso das pandorgas, piões etc., hoje temos outras condições, que nem por isso deixam de ser brincadeiras, nem por isso perdem seu caráter lúdico, espontâneo, criativo, inventivo. Apenas se dão de outras formas em outros suportes, acompanhando ou refratando o momento em que se localizam.

As brincadeiras e brinquedos estudados tendo como referencia o jornal “O Estado” e o suplemento “O Estadinho”, nos permite pensar que o próprio brincar naquele momento em que o surto de modernização instaurava-se no estado não se apartava desse movimento, sendo não só as brincadeiras, como os próprios brinquedos, mutáveis. A exemplo, as bonecas que simbolizavam mulheres-mamães continuam a existir, mas tiveram seu brilho ofuscado com a emergência das bonecas mulheres, que se vestem bem, trabalham, são independentes, felizes e consomem tudo que querem (não necessariamente o que precisam). Apesar dessa mudança no estereótipo da boneca, é possível encontrar as permanências ou traços que ainda se mantêm fortes nesse brinquedo, qual seja: o brinquedo como forte representante de gênero feminino.

Esses eventos nos permitem dizer que os brinquedos e brincadeiras acompanham o movimento da uma época, e no caso dos anos 1970 os vestígios deixados nos jornais apontam também para um brincar que passa a ocupar os lugares da casa, antes de uso dos adultos, como as salas de estar. Seja pela popularização da televisão, pelo crescimento das cidades – e os riscos que geralmente acompanham – o que concluímos, tomando os brinquedos e as brincadeiras como referência é que certamente as mudanças urbanas, novos equipamentos domésticos, a ascensão de uma indústria especializada em artefatos para a infância contribuíram para uma atenção maior a criança, ajudando a aflorar as sensibilidades para a infância.

O brinquedo e a brincadeira, pelo que pudemos observar nos materiais analisados se alteram, se modificam, se especializam, mas em nenhum momento deixam de existir. Hoje, por exemplo, observamos um *revivel*, de brinquedos lançados nas décadas de 1970 e 1980, mas que certamente travam com seus consumidores outras relações, desde a forma como manipulam tais objetos até mesmo o tempo que dedicam a ele ou à brincadeira direcionada por ele (brinquedo). Indícios de que brinquedos e brincadeiras são refratários do seu tempo.

### **Referências**

ARCE, Alessandra; BALDAN, Merilin. Vamos brincar de faz de conta? A brincadeira de papéis sociais e a importância da interação do professor. In: ARCE, Alessandra (org). **Interações e Brincadeiras na Educação Infantil**. Campinas: Alínea, 2013. p.93-111.  
BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades; 3. reimpressão, 2007.

- BOURDIEU, Pierre. **A distinção crítica social do julgamento**. 2.ed. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- BUDDE, Leani. **Jornadas impressas: o Estado e Florianópolis - 1985 a 2009**. Florianópolis, 2013. 294 (Tese). Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GERLACH, Gilberto. **Desterro Ilha de Santa Catarina**. Tomo II. Florianópolis: Floriprint, 2010.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- PEREIRA, Moacir. **Imprensa e poder: a comunicação em Santa Catarina**. Florianópolis: FCC Edições: Lunardelli, 1992.
- PIACENTINI, Telma. **Brincadeiras na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2010.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. Objetos do Caldeirão: museu, memória e cultura material (1936-1997). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.4, n.48, p.366-384, jul-dez. 2011.
- SACRAMENTO, Ana Cláudia Ramos. A Aprendizagem da Geografia a partir da construção de passatempos com temas cartográficos. **Encuentro de Geógrafos de America Latina**, Lima, 14, p.1-19, abril. 2013.

### **Jornais**

- O ESTADO, 08/12/1974.
- O ESTADO, 12/12/1978.
- O ESTADO, 19/12/1976.
- O ESTADO, 24/12/1978.
- O ESTADO, 09/12/1979.
- O ESTADINHO, edições 2, 3, 4, 5, 7-10, 12-32 de 1972.